

## RUTE: SÍMBOLO DA FORÇA FEMININA

Maria Aparecida de Castro<sup>1</sup>

### **Resumo**

*A partir da visão de alguns autores, com destaque para Mesters e Ferreira, construímos um painel da trajetória de Rute, uma mulher pobre, estrangeira e viúva, que por todos esses predicados desfavoráveis parecia condenada à ruína, à marginalização na cultura judaica. Mas Rute se tornou símbolo dos/das que estão à margem do sistema, mas deixam de lado a posição de vítimas para lutar por seus direitos e acabam por trazer benefícios não só individuais, mas de alcance coletivo, abalando de alguma forma todo o sistema que as exclui e marginaliza. Fizemos uma conceituação genérica do modelo conflitual de leitura bíblica, que foi o modelo que buscamos seguir em nossa análise.*

**Palavras-chave:** *Mulher. Judaísmo. Leitura conflitual.*

### **Abstract**

*From the viewpoint of some authors, especially Mesters and Ferreira, we build a panel of the trajectory of Ruth, a poor woman, foreign and widow, who, due all these predicates, seemed doomed to ruin and marginalization in the Jewish culture. Ruth, however, became a symbol for the marginalized people who fight for their collective rights in order to shake the system that excludes and marginalizes them. We have made a generic conceptualization of the conflictual model of Bible reading and adopted this model in our analysis.*

**Keywords:** *Woman. Judaism. Conflictual reading.*

### **1. Para início de conversa**

A história de Rute está carregada de elementos que fundamentam a vida humana: terra, alimento, sobrevivência. E traz marcas fortes da cultura ocidental como o patriarcalismo, o judaísmo, a marginalização da mulher. O Livro de Rute é uma afirmação da força do feminino num sistema que suprime os direitos das mulheres, dos pobres, dos estrangeiros.

1. Mestre em Ciências da Religião pela PUC – Goiás. Doutoranda em Ciências da Religião pela PUC – GO. Bibliotecária-documentalista do Instituto Federal de Goiás – IFG/Campus Inhumas.

Grocetti<sup>2</sup> afirma que Rute narra a história de uma família (da qual só sobraram duas mulheres) que depois de muitos lutos e lutas encontra a serenidade e é abençoada pela descendência. Rute é uma história de família, uma pequena família que se tornou símbolo da luta do povo pobre e marginalizado do sistema, mas que não perde a fé e a esperança e luta em busca de seu direito ao pão, à terra, à família.

## 2. Leitura conflitual do Livro de Rute

Segundo Ferreira<sup>3</sup>, a leitura sociológica da Bíblia, utilizando o modelo conflitual, busca descobrir no texto o dinamismo ou conformismo da vida daquele povo retratado no texto. A leitura conflitual pode ser feita com qualquer livro da Bíblia, tanto em capítulos como em perícopes que compõem o texto.

O modelo de leitura sociológica utilizado na América Latina, e particularmente no Brasil, é a leitura bíblica na ótica dos pobres que está na raiz da leitura conflitual da Bíblia. É praticada principalmente nas experiências pastorais das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), nas pastorais operárias, nas leituras do Centro Ecumênico Bíblico (CEBI). A leitura conflitual tem sido a base da hermenêutica latino-americana. A leitura conflitual ou dialética olha o todo de maneira crítica e histórica<sup>4</sup>.

Para Ferreira o enfoque no “conflito” é uma importante corrente do pensamento sociológico:

Já nas origens do pensamento social ocidental encontramos duas posições diferentes sobre a vida da humanidade. Uma compreende a vida social em termos harmônicos (Platão e Aristóteles). A outra percebe a realidade social em termos conflitivos (Heráclito e Políbio). A partir de Maquiavel, e sobretudo Hobbes, instaura-se a tradição conflitivista moderna que tem uma primeira expressão sociológica madura em Karl Marx<sup>5</sup>.

Partindo desse enfoque crítico, busca-se uma visão do todo, sem esquecer as partes, os detalhes que ajudam a compor um quadro claro dessa marcante história bíblica que põe a mostra a força feminina. Iniciamos questionando: Com qual finalidade a história de Rute e Noemi foi contada e recontada? Por que o cenário da história de Rute e Noemi é tão negativo: fome, semi-deserto, morte e amargura? Será que a periferia é dos espaços preferidos para Deus agir? Será que a periferia é um dos cenários preferidos de Deus para fazer nascer a esperança?

A Bíblia é literatura dos pobres, é livro de história de um povo que resistiu a opressão, a marginalização. Para abrir a porta da Bíblia é preciso usar a chave de

2. GROCETTI, Giuseppe. *Josué, Juizes e Rute*. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 176.

3. FERREIRA, Joel Antônio. *Paulo, Jesus e os marginalizados: leitura conflitual do Novo Testamento*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, Ed. América, 2009, p. 56.

4. FERREIRA, Joel Antônio, *Paulo, Jesus e os marginalizados*, p. 47.

5. FERREIRA, 2009, p. 43.

leitura certa, e essa chave é a sociológica. É preciso enxergar o texto dentro de um contexto histórico.

O modelo conflitual de leitura sociológica, na perspectiva de Ferreira<sup>6</sup>, procura detectar o surgimento das classes sociais, as relações sociais entre pessoas e grupos num determinado modelo socioeconômico. Analisa as contradições, tensões e conflitos acarretados pela dominação, exploração de um grupo pelo outro. Investiga no texto o dinamismo social, busca captar a vida do povo que transparece no texto.

O texto bíblico é analisado a partir do dinamismo da vida social com suas contradições, permanências e transformações em termos sociais, políticos, culturais, militares, econômicos, jurídico e ideológico e nesse contexto amplo busca o religioso. Esse modelo de leitura ajuda o leitor/a ler a Bíblia com o pé no chão da realidade, numa perspectiva dinâmica, conflitiva, dialética onde as assimetrias são colocadas às claras.

São vários os sistemas de interpretação dos textos bíblicos, mas nenhum é “dono da verdade”, ou seja, nenhum deles consegue apropriar-se “totalmente” do sentido do texto<sup>7</sup>. É uma leitura sociológica e crítica que buscamos fazer a seguir, através da ótica de alguns autores, a respeito do Livro de Rute.

### **3. A história de Rute: Memória e esperança dos excluídos/as**

Aquela família esfacelada de duas mulheres (Noemi e Rute) sofridas, sem terra, sem pão, sem nada, segue para Belém (a Casa do Pão). “Onde fores viver eu também viverei, seu povo será meu povo, o seu Deus será o meu Deus” (Rt 1,15-16).

Segundo Teixeira<sup>8</sup> ao ouvir essas palavras de sua nora Rute, Noemi teve certeza de que tinha alguém com quem podia contar para toda vida. A promessa de solidariedade era uma bênção para a velha mulher, que não tinha mais ninguém no mundo. Ela tinha perdido o marido, os filhos, era pobre, já não podia ter mais filhos e estava longe de sua terra natal. Rute vivia uma situação semelhante, também era viúva e não tinha filhos, mas ao menos, tinha pai e mãe e estava em seu país, Moab. Porém como prometeu a Noemi, deixou a região onde nascera para acompanhá-la em seu retorno a Belém. E lá, ela enfrentou a fome, a pobreza, o trabalho árduo para garantir uma vida digna para ela e a sogra.

Teixeira<sup>9</sup> afirma que Rute é um dos poucos livros da Bíblia que levam o nome de uma mulher. O Livro de Rute dá voz às mulheres marginalizadas, cuja situação transparece nas dificuldades enfrentadas por Noemi e Rute. Elas são migrantes, viúvas e estrangeiras que lutam para sobreviver dentro de um sistema que as exclui.

6. FERREIRA, Joel Antônio. *Paulo, Jesus e os marginalizados*, p. 47.

7. FERREIRA, Joel Antônio. *Paulo, Jesus e os marginalizados*, p. 49.

8. TEIXEIRA, Eduardo (Ed.). *Mulheres: Eva, Débora, Maria, Rute, Madalena, Ester, Ana, Sara, Agar*. São Paulo: Ed. Abril, 2005 (Col. Grandes heróis bíblicos), p. 54.

9. TEIXEIRA, Eduardo (Ed.). *Mulheres*, p. 55.

Segundo Cavalletti<sup>10</sup>, o Livro de Rute conta a história de duas mulheres, Noemi e Rute, duramente provadas, cuja recompensa será fazer parte da genealogia do Messias. É impossível saber quem escreveu o Livro de Rute. Muitas vezes grupos ou comunidades participavam da redação dos textos bíblicos. Possivelmente quem escreveu o Livro de Rute foi porta-voz das mulheres oprimidas pelo patriarcalismo e pelo judaísmo.

Sloyan<sup>11</sup> ressalta que o livro de Rute tem um estilo marcado por certa nostalgia, como se o autor/a quisesse voltar a uma época de costumes elevados, moral mais pura. A história de Rute é uma novela. O enredo principal da história é a trajetória de Rute, uma mulher moabita, portanto estrangeira e, além disso, viúva e pobre.

Ferreira<sup>12</sup> ressalta que Rute tem quatro predicados que a tornam uma mulher de “má fama” na cultura judaica; é mulher, estrangeira, viúva e pobre. Mas sua história foi tão importante na memória do povo judeu que se tornou parte da genealogia de Davi e Jesus e recebeu todo um livro bíblico com seu nome.

Os escritores/as da Bíblia contam histórias priorizando a intervenção de Deus nos acontecimentos. Quem procura veracidade e historicidade nos textos bíblicos tem problemas, pois esses textos não tem preocupação com a verdade, mas com a ação de Deus na vida do povo.

Mesters<sup>13</sup> afirma que acompanhar a história de Rute é como andar por uma estrada cheia de curvas e depois de cada curva se abre uma paisagem nova e inesperada aos olhos do leitor/a. No começo da história não há esperança (Rt 1,5). Os sinais de esperança vão aparecendo, mas Noemi não enxerga. Com o decorrer da história Noemi começa a enxergar de dentro dos fatos a solução: “Esse homem é nosso parente próximo, é um dos que tem o direito de resgate sobre nós” (Rt 2,20). Rute vai ao campo de Booz, aquele que, de acordo com a lei, tinha obrigação, o dever legal de ajudá-la e a sua sogra. É lá que os fatos irão se desenrolar para além do previsto. Ao colher as sobras das espigas do campo de Booz Rute colheu também a amizade e o amor do mesmo. Isso é confirmado por essa fala de Booz: “Que você receba grande recompensa de Javé, pois foi debaixo das asas dele que você veio buscar ajuda” (Rt 2,12). E colhendo o amor colheu a solução para seus problemas. Rute esperava uma esmola e acabou vendo o seu direito respeitado para além do que a lei exigia.

Mesters<sup>14</sup> ressalta que a lealdade de Rute para com Noemi vai crescendo ao longo da história. O primeiro ato de lealdade de Rute foi renunciar ao pai, à mãe, à terra natal para seguir com Noemi (Rt 1,16; 2,11). E num último ato de lealdade Rute re-

10. CAVALLETTI, Sofia. *Ruth – Esther*. Roma: Edizione Paoline, 1983 (Nuovissima Versione Della Bibbia), p. 7.

11. SLOYAN, Gerard. *Rut y Tobias*. Tradução José Maria Ruiz. Espanha: Editorial Sal Terrae, 1970 (Conoce La Biblia: Antiguo Testamento), p. 6.

12. FERREIRA, Joel Antônio. *Paulo, Jesus e os marginalizados*, p. 186.

13. MESTERS, Carlos. *Como ler o livro de Rute: pão, família, terra*. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 43-44.

14. MESTERS, Carlos. *Como ler o livro de Rute*, p. 53.

nuncia a um noivo jovem e aceita casar com Booz, para que a descendência de Noemi não se acabe. Noemi tinha avisado que não podia mais ter filhos (Rt 1,1-13). Casar-se com Booz era uma maneira de Rute garantir a continuidade do nome de Noemi.

Existia em Israel, segundo Mesters<sup>15</sup>, a preocupação para que não se apagasse o nome das pessoas. A lei do levirato (cunhado) diz que se um irmão morre o outro irmão se casará com a viúva, cumprindo o dever do cunhado. O primogênito que nascer receberá o nome do irmão morto para que esse não se apague em Israel (Dt 25, 5-6). Garantir a continuidade do nome era o mesmo que garantir a continuidade da família, da “pequena família”. Adiante veremos que a preocupação do Livro de Rute não é só com a pequena família, mas também com a grande família, a comunidade.

Segundo Ferreira<sup>16</sup> duas teologias permeiam todo o livro de Rute: a do Levirato que obrigava o irmão do marido (o cunhado ou o parente mais próximo como é o caso de Booz) a casar-se com a viúva. A outra teologia é a do *goelato*, do resgatador, do parente próximo que resgata da pobreza, da marginalização.

Rute é recado, é memória da inclusão, da posse da terra e salva a família do pobre, do estrangeiro. Booz é o *goel* de Rute. Mas ser resgatada não significou para Rute em nenhum momento uma postura vitimizada. Todo tempo ela assume uma atitude de protagonista de sua própria história e age habilmente para que a lei se cumpra arrebatando ela mesma e a sogra da pobreza, da exclusão.

Ferreira<sup>17</sup> afirma que o texto de Rute é escrito como se toda história tivesse ocorrido no período dos juízes, aproximadamente. Mas provavelmente foi escrito no tempo de Esdras (458 aC) e Neemias (445 aC), quase cem anos depois do exílio da Babilônia.

No exílio o povo perdeu tudo e teve que se organizar em outras bases. A identidade do povo no pós-exílio se construiu em torno da memória. E a história de Rute foi uma das histórias perpetuadas na memória do povo israelita que foi guardada e transmitida, oralmente, por vários séculos, até ser escrita.

Na ótica de Ferreira<sup>18</sup> a novidade do livro de Rute é unir a “Lei do Resgate” com a “Lei do Levirato” a partir da experiência profunda de lealdade de Rute a Noemi. Rute é definida por Booz como uma “mulher de grande valor” (Rt 3,11), expressão aplicada aos juízes/juízas. Ela é como Débora, a juíza do tempo tribal. Isso é novo e transformador, porque surge dos que não entendem da lei. Surge dos pobres, dos excluídos que utilizam a Lei do “Resgate e do Levirato” a seu favor.

A Lei do Resgate estabelecia que, quando alguém, por motivo de pobreza, era obrigado a vender suas terras, então seu parente mais próximo tinha a obrigação de

15. MESTERS, Carlos. *Como ler o livro de Rute*, p. 58.

16. FERREIRA, Joel Antônio. *Paulo, Jesus e os marginalizados*, p. 161.

17. FERREIRA, Joel Antônio. *Paulo, Jesus e os marginalizados*, p. 186.

18. FERREIRA, Joel Antônio. *Paulo, Jesus e os marginalizados*, p. 192.

resgatar essa terra, isto é, devia comprá-la de volta, não para si, mas para o parente pobre que corria perigo de perdê-la. A Lei do Resgate impedia que uns perdessem suas terras e outros acumulassem terras. A Lei do Resgate estimulava a corresponsabilidade de todos, pelo bem-estar de todos, dentro de um mesmo clã ou dentro de uma mesma comunidade.

O caso da família de Rute e Noemi era gravíssimo. Maalon, marido de Rute, tinha falecido sem deixar filhos. De acordo com a Lei do Levirato, o irmão de Maalon devia casar-se com Rute e suscitar nela um filho para o falecido. Mas não havia irmão. Quelion, o outro irmão, também tinha morrido e Noemi não tinha outros filhos e nem podia tê-los, pois era de idade avançada. A família de Noemi estava ameaçada de extinção. A Lei do Levirato, feita para ajudar num caso assim, não se aplicava, pois não havia irmão. Nem a Lei do Resgate podia ser invocada para resolver o caso, pois a Lei do Resgate não foi feita para garantir um herdeiro a uma viúva estrangeira sem direitos aos olhos do grupo de Esdras, intérpretes oficiais da lei.

Para Ocaña<sup>19</sup> o Livro de Rute propõe um projeto político alternativo que nasce num contexto marcado pela exploração dos mais pobres e de projetos políticos reconstrucionistas fundamentalmente antiestrangeiros.

Os pobres e excluídos representados por Rute e Noemi criam a “Lei do Resgate/Levirato” transformando a lei em uma ferramenta de luta por direitos e não numa ferramenta de exclusão e marginalização ao modo da interpretação legalista de Esdras. A Lei do Resgate/Levirato sai do âmbito familiar, particular para ter um alcance social mais amplo. A preocupação com o pobre, o marginalizado ganha um cunho comunitário, social.

Mesters<sup>20</sup> coloca que no tempo de Rute a posse da terra (a Lei do Resgate) e a situação da família (a Lei do Levirato) estavam desligadas. A Lei do Resgate estava desligada do contexto social e favorecia a exploração e empobrecimento cada vez maior dos pobres. A novidade proposta no Livro de Rute é de que já não é possível adquirir a terra de um pobre sem levar em conta a situação da família desse pobre. Quem quisesse adquirir o terreno de Noemi tinha de assumir toda a situação da família dela. E o jeito de fazer isso era casar com Rute para que a família de Noemi pudesse continuar na posse da terra, como afirma Booz, para que “a herança do falecido continuasse com o nome dele” (Rt 4,5). Assim Booz uniu a Lei do Resgate, que dava direito de adquirir a terra do irmão pobre, e a Lei do Levirato que impunha o dever de casar com a viúva. Separadas essas duas leis, já não resolviam o problema do povo. Só a Lei do Resgate, sem um herdeiro, não garante a continuidade da família e favorece o latifúndio. E só o Levirato, só o filho, sem a terra, não garante o pão para sobreviver.

19. OCAÑA, Martin. A eficácia da graça diante da eficiência do mercado: uma leitura do livro de Rute. In: ORTEGA, Ofelia. *Graça e ética: o desafio da ética em nossas eclesiologias*. Tradução: Roseli Shrader Giese. São Leopoldo: Sinodal/CLAI, 2007, p. 79.

20. MESTERS, Carlos. *Como ler o livro de Rute*, p. 58, 61.

A Lei do Resgate/Levirato foi a porta que Rute encontrou para entrar na comunidade judaica. Uma mulher estrangeira, pobre e viúva se torna uma figura de transcendência histórica e simbólica do projeto dos pobres no judaísmo. Rute pertence a um povo estrangeiro pouco amigo dos judeus. Sua história é um testemunho a favor da teologia universalista de que o Deus verdadeiro é o Deus de todos e não só dos judeus.

Para visualizarmos melhor o quadro em que foi pintada a história de Rute vamos nos ater agora ao cenário sociológico da história.

#### **4. Contexto histórico e sociológico-geográfico da história de Rute**

Segundo Mesters<sup>21</sup> um pequeno grupo de repatriados do exílio na Babilônia voltou disposto a se reorganizar como povo de Deus. No entanto não teve êxito, um século se passou e pouco ou nada se alcançou. É da situação sofrida desse povo que nasce o Livro de Rute.

A história de Rute transcorre em dois lugares geográficos: as regiões montanhosas de Moab (na Transjordânia) e Belém (em Judá). Rute e Órfa eram moabitas, estrangeiras, enquanto Noemi, Elimelec e os filhos Maalon e Quelion eram israelitas. A vida não estava fácil para a população de Judá. Havia fome entre as famílias (Rt 1,1). Daí a necessidade da família de Noemi partir para Moab em busca de uma vida melhor.

Belém é uma cidade situada sobre as montanhas a dez quilômetros de Jerusalém, ao sul do território de Canaã (Israel). Belém é uma cidade importante na literatura bíblica é terra de Davi e de Jesus Cristo. Quanto à Moab, trata-se de uma região montanhosa localizada a leste do Mar Morto. O povo de Moab era aparentado com os israelitas, mas sempre foram considerados estrangeiros.

Todo nome tem um significado na história de Rute. Elimelec significa meu Deus é rei. O nome dos filhos do casal parecem ser avisos de seu destino: Maalon significa doença, e Quelion significa fragilidade. Já Noemi significa minha alegria, meu prazer, mas também Mara que significa amarga<sup>22</sup>. Órfa significa costas, nuca. Rute significa amiga, companheira. Booz significa pela força e Obed, filho de Rute e Booz, significa servo.

Os textos bíblicos ligam a esperança a lugares periféricos e ao povo mais pobre e sofrido. Os dois filhos de Noemi e também seu marido Elimelec morrem. Só restaram as mulheres que têm à frente duas opções: sucumbir à força das trágicas circunstâncias das quais são vítimas ou se erguer e tomar decisão de lutar, de partir em busca da vida. Órfa decide ficar em Moab. Partem Noemi e Rute abatidas, amarguradas, mas com esperança, para os campos de Belém.

21. MESTERS, Carlos. *Como ler o livro de Rute*, p. 13.

22. Todos os significados foram retirados de Rt 1,20.

Ferreira<sup>23</sup> afirma que o livro de Rute narra um tempo de fome, em que um homem, Elimelec, decide emigrar para Moab em busca de trabalho e de melhores condições de vida. Ele parte com a esposa Noemi e os filhos Maalon e Quelion. Em Moab os filhos do casal se casam com Órfa e Rute.

De acordo com o professor Tércio Machado Siqueira<sup>24</sup>, o Livro de Rute foi escrito no período de Esdras, quando o povo estava retornando do exílio e tentando restaurar a religião judaica. Segundo Tércio Siqueira, um dos problemas do período pós-exílico era a obediência externa da lei, sem qualquer mudança nas práticas sociais.

É nesse contexto que o Livro de Rute revela o Deus que concede misericórdia ao desolado (Rt 1,1-22). Noemi é uma presença forte na história de Rute e, mesmo se sentindo abandonada, não perde sua fé. Mesmo diante de todo o sofrimento ainda acredita no Deus que concede misericórdia ao amargurado (Rt 2,1-23).

Rute conhece Booz ao respigar seus campos. Ele é um homem bom, justo, cumpridor da lei. E pertencia à família do falecido marido de Noemi, Elimelec. Booz consente que Rute colha alimento de seu campo para sustentar a sua sogra. Rute é uma mulher que enche os olhos de Booz por demonstrar lealdade a Noemi, dedicação no trabalho da colheita e vontade de seguir o Deus de Israel. São as atitudes e não a fama de Rute que fazem com que ela seja acolhida por Booz.

Rute é uma mulher de “má fama” (estrangeira, viúva, pobre) que agitou o judaísmo. O projeto do Livro de Rute é o projeto dos pobres que reinterpretam a lei a seu favor e reconstróem a comunidade na base do amor, conceito não muito estimado pelo judaísmo de Esdras. Se Noemi é o povo desamparado, Rute é a memória das mulheres estrangeiras expulsas por Esdras<sup>25</sup>.

O Deus que concede misericórdia ao humilde (Rt 3,1-18) se mostra a Rute por meio de seu resgatador, Booz. Este reconhece a sua condição de *goel* (salvador) e luta por Rute com o fulano. Eles se casam e têm um filho chamado Obed que será da linhagem de Jesus Cristo.

## 5. Rute na história da Salvação

A comunidade de Mateus dá “historicidade” ao livro de Rute ao colocá-la na genealogia de Jesus (Mt 1,5). Mateus alista Booz, Rute e Obed na linhagem dos ascendentes de Jesus. A história de Rute é um pequeno livro da Bíblia que comprova como Deus abençoou Rute, uma mulher estrangeira, pobre, viúva, com a maternidade, tornando-a parte da família de Jesus Cristo.

23. FERREIRA, Joel Antônio. *Paulo, Jesus e os marginalizados*, p. 188.

24. SIQUEIRA, Tércio Machado de. *O livro de Rute*. Disponível em: <[www.metodista.br/fateo/materiaisdeapoio/estudos.../olivro-de-rute](http://www.metodista.br/fateo/materiaisdeapoio/estudos.../olivro-de-rute)>. Acesso em: 12/03/2012.

25. FERREIRA, Joel Antônio. *Paulo, Jesus e os marginalizados*, p. 190.

Mateus recorre à história de Rute para mostrar o valor, a força da presença da mulher na história da salvação. Os três homens (Elimelec, Maalon e Quelion) da família morrem logo no começo da história. Rute e sua sogra são as personagens centrais do Livro de Rute. Os personagens masculinos aparecem em função das protagonistas.

O encontro de Rute com Booz é o pano de fundo da relação da sogra Noemi com a nora Rute. Booz entra na história com um objetivo específico, cumprir a Lei do Levirato e do Resgate.

Segundo Alencar<sup>26</sup> a história do povo da Bíblia é uma colcha de retalhos costurados pela fé e pela resistência. Essa mesma fé e resistência fez Raab ocultar os espias hebreus, Tamar astuciosamente conseguir sua descendência, e fez Rute escolher Noemi, sua terra, seu povo, seu Deus, e entrar na memória do povo bíblico como uma mulher de valor que com sensibilidade e inteligência soube fazer dos limões que a vida lhe deu uma doce limonada.

### **Algumas conclusões**

O Livro de Rute é um alerta de que o compromisso do Deus verdadeiro é com todos, não simplesmente com os judeus. É uma advertência de que a lei deve ser aplicada para trazer o bem-estar à comunidade. A lei deve prestar serviço ao povo, aos pobres, aos excluídos. O recado é: a lei deve estar acompanhada pela justiça, pelo amor.

A história de Rute é uma metáfora da luta do povo por seus direitos. É um chamado à distribuição dos bens da terra para todos. Mudanças devem ser acionadas nas tradições e na estrutura jurídica sempre que as mesmas não estão a serviço da justiça e da vida.

O Livro de Rute é história dos pequenos, de mulheres pobres, abandonadas, as últimas na pirâmide social, que com inteligência, sensibilidade e a força da fé e da esperança se tornam donas de seu próprio destino.

A prática de recorrer às pequenas histórias do povo é comum nos textos bíblicos. A finalidade dessa prática é buscar na memória pistas e soluções para enfrentar os problemas do dia a dia e revigorar, alentar a fé do povo. As histórias do povo iluminam o presente e ajudam a projetar o futuro.

A amizade, a obstinação e a fé são chaves que abrem portas. A relação de Rute e Noemi fez com que mesmo ambas, sendo atingidas pela tragédia, encontrassem numa relação de respeito e lealdade, a esperança que as impulsionou a seguir em frente e mudar o rumo de suas vidas. Ficando na memória do povo da Bíblia como mulheres de valor, exemplos de fé e persistência que foram compensadas.

26. ALENCAR, Francisco. *A terra de Rute: o alimento da humanidade*. São Paulo: Salesiana, 2001 (Col. Educar nos valores).

## Bibliografia

ALENCAR, Francisco. *A terra de Rute: o alimento da humanidade*. São Paulo: Salesiana, 2001 (Educar nos valores).

CAVALLETTI, Sofia. *Ruth – Esther*. Roma: Edizione Paoline, 1983 (Nuovissima Versione Della Bibbia, 12).

FERREIRA, Joel Antônio. *Paulo, Jesus e os marginalizados: leitura conflitual do Novo Testamento*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, Ed. América, 2009.

GROCETTI, Giuseppe. *Josué, Juízes e Rute*. São Paulo: Paulinas, 1985.

MESTERS, Carlos. *Rute, uma história da Bíblia: pão, família, terra, quem vai por aí não erra*. São Paulo: Paulinas, 1985.

\_\_\_\_\_. *Como ler o livro de Rute: pão, família, terra*. São Paulo: Paulinas, 1991.

\_\_\_\_\_. *Rute*. Petrópolis: Vozes, 1986.

OCAÑA, Martin. A eficácia da graça diante da eficiência do mercado: uma leitura do livro de Rute. In: ORTEGA, Ofelia. *Graça e ética: o desafio da ética em nossas eclesiologias*. Tradução: Roseli Shrader Giese. São Leopoldo: Sinodal/CLAI, 2007.

SLOYAN, Gerard. *Rut y Tobias*. Tradução: José Maria Ruiz. Espanha: Editorial Sal Terrae, 1970 (Conoce La Biblia: Antiguo Testamento).

SIQUEIRA, Tércio Machado de. *O livro de Rute*. Disponível em: <[www.metodista.br/fateo/materiaisdeapoio/estudos.../olivro-de-rute](http://www.metodista.br/fateo/materiaisdeapoio/estudos.../olivro-de-rute)>. Acesso em: 12/03/2012.

TEIXEIRA, Eduardo (Ed.). *Mulheres: Eva, Débora, Maria, Rute, Madalena, Ester, Ana, Sara, Agar*. São Paulo: Ed. Abril, 2005 (Grandes Heróis Bíblicos).